

CARAMBAIA

**Iracema
Guimarães
Vilela**

Nhonhô Rezende

Romance

**Posfácio
Constância Lima Duarte**

**Sob o pseudônimo de
Abel Juruá**

NOTA À EDIÇÃO

Iracema Guimarães Vilela foi uma das tantas autoras brasileiras vítimas do apagamento literário que acometeu as mulheres de sua geração e das gerações que a antecederam. Não se sabe ao certo quando a autora nasceu, mas se supõe que tenha sido na década de 1880; seu falecimento ocorreu em 1941. Escreveu romances, contos e textos dramáticos, além de considerável produção para a imprensa, sempre com o pseudônimo masculino de Abel Juruá, maneira que encontrou para adentrar o universo das letras de então, dominado por homens.

O texto usado como base para esta edição é o da primeira redação do romance, publicado em 1918 pela Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo do Rio de Janeiro. Aqui foram realizadas atualizações ortográficas e correções de erros tipográficos, além da atualização da grafia dos nomes próprios. Mantivemos, no entanto, a grafia antiga de palavras cuja vigência ainda é aceita pelos dicionários brasileiros. Também optamos por respeitar o costume da época de se iniciar frases

com letra minúscula sempre que forem posteriores a frases terminadas em exclamação ou interrogação. Alterações de outra ordem, como de pontuação, foram feitas apenas quando a compreensão do texto ficava comprometida, sobretudo no que se refere à virgulação.

Uma interferência importante realizada por esta edição: como a original dava início à numeração dos capítulos apenas a partir do terceiro, foi preciso indicar, de forma arbitrária, porém tentando respeitar a alternância de temas, o ponto em que se inicia o capítulo II.

Boa leitura!

**Ao Gastão, o meu maior, melhor
e mais estremecido amigo.**

—

**Abel Juruá
Rio de Janeiro, junho de 1917.**

O relógio de bronze da sala de jantar bateu compassadamente quatro sonoras pancadas, e Nair, que, recostada na cadeira de balanço percorrera por alto a *Gazeta de Notícias*, dobrou-a em quatro, e atirou-a para cima da grande mesa do centro. Estava vestida com um roupão de cassa azul-pálido, e o sol, irradiando pela sala toda, ia doirar, ao de leve, os seus formosos cabelos castanhos que se enrolavam na nuca numa trança grossa e larga. Ela espreguiçou-se; tinha tanta coisa a fazer naquela tarde! Esboçara na véspera um quadro a óleo, queria também acabar um vestidinho da filha! Levantou-se com um bocejo e, para sacudir a moleza que lhe entorpecia os movimentos, pôs-se a endireitar os panos bordados dos aparadores de peroba-revessa. A sala de jantar tinha um aspecto alegre, com o papel salpicado de flores vivas, as cortinas pardas, muito leves, onde adejavam, em relevo, borboletas multicores, e as três amplas janelas que abriam para a chácara enorme, bem coberta de arvoredos, sob cujas frondes opulentas apetecia descansar o

corpo e devanear o espírito. Por toda ela havia sombras acolhedoras, e perfumes penetrantes que se espalhavam profusamente naquele ar puríssimo de Teresópolis.

Nair aproximou-se do peitoral e ali se ficou pensativa. Um gorjear forte de pássaros saiu das magnólias fronteiras, e foi aumentando, aumentando, até encher a atmosfera de trinos delirantes. Com a cabeça encostada à mão, o olhar vago, pôs-se a meditar quanto a vida lhe deslizava serena, sem preocupações de espécie alguma, e como o destino acedera, afinal, aos rogos do seu coração desiludido, recompensando-lhe a triste orfandade com um marido tão bom, honesto e generoso como Antonico, e livrando-a de Nhonhô Rezende, aquele insinuante e pérfido Nhonhô que ela receara não poder mais esquecer.

Aos poucos, e numa ternura demorada, o seu pensamento poisou-se na imagem da mãe, toda dedicação e carinhos, que, sem desfalecimentos nem hesitações, lhe consagrara a viuvez ainda viçosa e bela, desfazendo-se em seu proveito de tudo que possuía, até mesmo da mesquinha pensão, legada pelo austero desembargador, a fim de não privar dos professores escolhidos que a sua educação exigia.

Esse excesso de zelo maternal compreendia-se perfeitamente, porque Stella, a sua única irmã, fora desde pequena entregue aos cuidados de uma tia, D. Guilhermina de Albuquerque, senhora milionária e bondosíssima que a reclamava insistentemente com direitos de madrinha extremosa.

Nair, agora, sorria ao recordar-se dos grandes olhos espavoridos que a pequena, nas suas curtas visitas, fixava naquela casa onde só se ouviam lamentações e suspiros. A mãe

beijava-a, acariciando-lhe os longos cachos escuros, as lindas faces morenas, as finas mãos aristocráticas... Era em vão: Stella esquivava-se, contrafeita, e o seu arzinho assustado somente a deixava quando a sombria figura materna desaparecia da sua presença. Ao princípio, tão brusca separação lhe fora dolorosa, uma saudade mesclada de arrependimento pairava naquele ambiente pesado, mas quando D. Cocota viu a filha a residir em palácios, ostentando um luxo de princesa, abençoou a coragem que tivera num momento de angustiosa resolução. A diferença de idade entre as duas irmãs era sensível, porque, na ocasião de Stella nascer, Nair tinha 10 anos, mas o seu semblante grave já revestira aquele suave recolhimento que tão indefinível encanto lhe impregnava à fisionomia. Da mãe herdara a meiguice, o gênio calmo, o modo de falar sem gestos, um gosto notável pelo estudo do pai, a integridade de caráter e a sóbria distinção do seu porte.

Nair foi deixando o pensamento divagar... Quanto amara Nestor Rezende, ou Nhonhô Rezende, como o chamavam na intimidade! Quantos sobressaltos não tivera quando ele ia a sua casa à noite, com pontualidade escrupulosa, acompanhado pela irmã, aquela escultural Clotilde, que se tornara depressa sua inseparável amiga, e a embalava com palavras de ambrosia que ocultavam habilmente intenções malignas!

Parecia ainda vê-lo todo de claro, com um laço negligente na gravata vermelha – o que lhe dava um aspecto muito juvenil e desprezioso – fixando nela os seus olhares de fogo, fascinando-a com a sua voz quente, persuasiva, que lhe perturbava por completo a recatada timidez! Nestor assenhoreara-se dos seus pensamentos, e ela, supondo-o sincero, vencida a custo a

indiferença que lhe inspirava tudo que não tratasse dele. De resto, sentia-se desvanecida por esse culto fervoroso que não afrouxava nem desaparecia.

Via-o abandonar por ela as melhores distrações e fugir do círculo dos amigos, não admitindo que nada interrompesse o ardor da sua ternura. Ela era pobre, ele sabia-o; não estava, portanto, atraído pelo seu dote. E quando, para tentar a fortuna que a Pátria lhe recusava, Nestor foi obrigado a aceitar oferecimentos vantajosos na República Argentina, ela sofreu todos os tormentos da saudade, avivada ainda mais pela solidão que a cercava. No entanto Nestor era pontual, não tinha preguiça de escrever, embora frequentes vezes manifestasse uma súbita descrença no futuro, atendendo aos negócios que não progrediam. Ela afligia-se; mas, sempre palpitante de esperanças, ia adiantando os trabalhos que preparava às escondidas para o seu futuro ninho.

Passados dois meses de um silêncio desusado, recebeu uma carta que, logo ao abrir, lhe alterou a expressão tranquila do rosto.

Nestor dizia:

“Perdoe-me, Iaiá, mas sou forçado a romper, pois não vejo nada róseo no futuro, tudo ao contrário, apresenta-se negro e incerto. Perdoe-me ter ocupado tanto tempo a sua mocidade, mas resta-me a consolação de sabê-la boa, inteligente e bela, e ter a certeza de que outro, mais ditoso, poderá fruir a suprema ventura que eu, mísero, não consegui alcançar. O mundo é caprichoso e mau; enquanto uns têm por guias astros deslumbrantes que lhes facilitam a

existência e os conduzem à glória, outros vivem renegados e taciturnos; como Silvio Pellico no cárcere. Esqueça-me; não aspiro mais ao seu amor e seria indigno se o fizesse. Tenho pensado no suicídio, mas a religião ordena-me que viva e percorra com o lenho este calvário de angústias. Viverei. Não me maldiga, pense em mim como no mais desgraçado dos homens, guarde-me amizade fraternal.

Nestor.”

Nair chorou muito, porque, dentre aquelas frases rebuscadas, apenas leu o sentimento de elevada generosidade que sufocava os próprios tormentos, para exclusivamente ocupar-se da felicidade que desejaria oferecer-lhe, e se via forçado a negar-lhe, atendendo à sua posição incerta e precária. Os sofrimentos íntimos que ela lhe adivinhou pareceram-lhe tão intensos que a pobre moça desafogava a mágoa em soluços desesperados. A muito custo, dominou-se, para a mãe, já em estado grave, lhe ignorar o desgosto, mas, descobrindo os enormes laivos que as lágrimas dele haviam deixado sobre o papel, ficou fora de si e sem poder calmar a agitação febril em que se debatia, começou a responder-lhe numa explosão de dor, afirmando-lhe querer ser pobre sempre, uma escrava do trabalho, mas viver para ele, por ele e com ele. Como estivesse, porém, muito exaltada, guardou a resposta para enviar-lha mais tarde, o que não fez por se ter agravado o estado da doente e ser forçada a empregar nos serviços caseiros todos os momentos que lhe sobravam do seu mister de enfermeira, extenuada por intermináveis vigílias.

Uma manhã, aproveitando enganosas melhoras da viúva, releu ainda a carta de Nestor, e, como estava mais calma,

sentiu-se enojada com aquelas frases traiçoeiras que tanto a haviam sensibilizado. Resolveu não lhe responder, manifestando-lhe desprezo com o seu silêncio. Ele não merecia mais nada; achou-o indigno, desapiedado para com a sua inexperiente juventude, forjando expressões literárias com o único intuito de disfarçar a ânsia que tinha em libertar-se dela. Essa tremenda decepção prostrou-a ainda mais e concorreu para o abatimento em que ficou com a morte da mãe, um mês mais tarde. Desesperada pelo desaparecimento da sua inigualável amiga, Nair, que fora viver com a tia Guilhermina, encerrou-se no seu quarto, como numa cela, não saindo nunca, não vendo ninguém, inteiramente entregue às suas pungentes recordações. Livre-pensadora, não buscava na religião o conforto de que necessitava, recusando-se mesmo a frequentar igrejas e ajoelhar-se nos confessionários, apesar das contínuas súplicas da tia, que considerava esses atos de humildade poderosos lenitivos para os sofrimentos morais. Às vezes, a seu pesar, lembrava-se de Nestor, mas nunca mais obtivera notícias dele. Morreria? residiria no Rio? O orgulho impedia-a de o indagar, pois estava agora convencida de que nunca fora amada por ele. Passatempo, vaidade, nada mais!

Soubera apenas que Clotilde se casara, por uma participação impressa atirada às incertezas do correio. Nem um rabisco a acompanhara, nem uma linha que atestasse uma lembrança, embora desvanecida.

Que infames! – pensou com desprezo – servi-lhes de joquete, e mais nada.

Dois anos de tristeza se escoaram, e afinal, um dia, cedendo aos constantes pedidos da tia e do primo Álvaro – um

rapaz folgazão e amável –, decidiu-se a ir a um primeiro baile, ao qual se sucederam três concertos, uma recepção, um chá elegante... e a imagem de Nestor foi-se sumindo da sua memória dolorida como uma fotografia que se vai apagando, no decorrer monótono e fatigante dos anos. Quando, por acaso, rememorava alguns episódios daquele tempo, pasmava da sua falta de perspicácia e ria-se da sua ridícula ingenuidade.

Numa *soirée*, encontrou-se com Antonico, que lhe agradou pela sua atitude distinta e pela maneira de se exprimir, a qual denotava um caráter feito de reflexão e seriedade. Dançaram juntos, e todo o tempo conversaram sobre a sábia lição que a natureza fornece continuamente a quem a estuda e compreende. Ambos a amavam e tinham por ela doçuras infinitas que os incitavam a aborrecer ainda mais a sociedade frívola e pervertida em que viviam. Ele confessou detestar essa sociedade, sendo a sua única aspiração afastar-se dela, observando e cultivando a terra, para a qual sentia cada vez mais invencível predileção. E Nair, que durante tanto tempo repelira o amor, temendo ele a fizesse novamente padecer, começou a experimentar perto de Antonico uma doçura comovedora que a inebriava de paz e de tranquilidade. Seria aquela a alma gêmea da sua, que lhe traria o consolo e a esperança? Tudo nele lhe agradava. Era um homem sério, aplicando a inteligência em estudos úteis e ações refletidas. Desde muito jovem, o amor do campo e da árvore iluminavam a sua fisionomia máscula de traços regulares e viris. As suas palavras despretensiosas e amáveis sem exagero, profundas sem empenho de demonstrar erudição, encantavam pelo tom sincero e superior como as pronunciava. Álvaro, seu

companheiro de infância, mostrava-se radiante com a união que antevia, D. Guilhermina mesmo, cônica dos méritos dele, admirava-lhe o caráter puro que infundia involuntariamente respeito. Somente a aversão que ele manifestava pelo convívio mundano estampava nos lábios fatigados da velha senhora sorrisos de melancolia, porque, a seu ver, era ainda nessa sociedade, crivada por todos de sarcasmos e ironias, onde vibravam os mais magnânimos impulsos de caridade e de abnegação.

Depois de alguns meses de convivência com Antonico, durante os quais os seus espíritos se fundiram numa comunhão perfeita de ideais e de aspirações, o casamento ficou tratado no meio dos aplausos da família e dos amigos. Apenas Álvaro lhe disse uma vez, com o seu modo galhofeiro:

— É possível que você se habitue numa roça atrasada, onde as galinhas vivem cacarejando e esgaratando o capim que cresce nas ruas?

— Já daqui estou a gozar a minha ventura – respondeu ela.

Ele fitou-a muito, como a querer sondar-lhe o pensamento:

— E eu sempre persuadido que você padecia de uma paixão oculta!

Nair corou, embaraçada. E por quem, não lho diria?

O primo encolheu os ombros. Como adivinhá-lo? Que sábio ou filósofo poderia jamais penetrar no abismo insondável de um coração de mulher?

II

Nair casou-se numa linda manhã banhada de sol. Os jardins sobrepujavam de flores, os bondes deslizavam rápidos, carregados de gente. Fizeram, a seu pedido, uma cerimônia simples, mas tudo sorria naquele sábado alegre, e os ricos salões de D. Guilhermina adornavam-se com festões de esplêndidas camélias encomendadas de Petrópolis. Apenas tinham convidado pessoas muito íntimas, mas as moças vestidas de claro punham tons festivos entre a riqueza dos estofos. E quando, ao *lunch*, Álvaro ergueu a taça de *champagne*, num pequeno brinde comovente, Nair, lembrando-se da mãe, que dormia no seu estreito e úmido jazigo, não pôde conter a emoção, e prorrompeu em soluços aflitivos.

Logo depois do casamento, os dois retiraram-se para Teresópolis, onde Antonico ficava todo o dia embrenhado nas duas fazendas que comprara, inteiramente entregue à sua paixão pela lavoura; e ela, perto dele, e da filhinha que viera abençoar a doce união, sentia-se mais feliz ainda, mais sã de espírito e de corpo, prosseguindo na sua vida calma em que

o estudo e a arte ocupavam um grande lugar. Já tinham decorrido tantos anos e esse estado de coisas não se modificara ainda! Os dias iam-se sucedendo cheios de uma felicidade sempre igual, mas sem surpresas nem modificações. Nair sorria aos próprios pensamentos quando uma voz amiga a chamou de longe, despertando-a daquela meditação prolongada. A moça ergueu vivamente a cabeça e duas rosas vivas lhe desabrocharam nas faces morenas.

— Vou já – gritou muito alegre para o marido, que lhe acenava com as mãos.

E saiu para a chácara, suspendendo as saias por causa das folhas que se alastravam com abundância pela terra.

— Em que estava tão absorvida? – perguntou ele, passando-lhe o braço pela cintura.

— Nem sei mesmo!... Ou por outra, em assuntos tão sem importância... – respondeu ela sem desmanchar o sorriso.

Caminharam enlaçados até um banco tosco de madeira que um frondoso cambucazeiro sombreava com a sua abundante ramaria.

— Stella já voltou do passeio?

— Creio que ainda não – respondeu Antonico, sentando-se a seu lado. Depois, segundo o antigo hábito, começou a relatar-lhe o que fizera naquela tarde toda. Fiscalizara o serviço das abelhas, mandara começar novas plantações de legumes; as vacas já haviam recebido a sua visita quotidiana...

— E que cheiro, minha cara amiga, um delicioso e honesto cheiro que nos dá pensamentos são!

Dizia isso sorrindo e mostrando dentes magníficos. Todo o seu semblante respirava saúde e seriedade, desde a boca

de lábios frescos até os olhos escuros que fitavam as pessoas bem de frente numa expressão de decisão e lealdade.

E, limpando a poeira das calças de brim pardo, falou-lhe nuns projetos um tanto audaciosos que se lhe tinham enraizado no espírito ultimamente. Faria grandes exportações para o Rio, e para esse fim adquiriria aquela terra que dali se avistava – e estendia os braços com orgulhosa satisfação.

A terra ora aparecia lisa e plantada em pequenas roças, onde o milho abundava elegante e flexível, ora negrejava compacta e sombria, quase cerrada pelo mato rebelde.

— Aqui é que se respira! – tornou ele. — De dia para dia, minha querida, mais admiro e amo a natureza! Leio e compreendo os seus íntimos segredos, e sinto desejos de beijar a terra devotamente, como se beijam os pés às santas. Repare, Iaiá, como essas árvores seculares nos fitam desdenhosas do alto da sua grandeza! Nasci para isto: é a minha vocação. A sociedade não me preocupa, tampouco ambiciono as honras de uma posição elevada ou brilhante, mas possuo essa grande ventura que nem todos conhecem: o sossego, a paz do espírito, e dentro da minha alma julgo que circula um pouco de seiva destas terras benditas.

E, a um sorriso dela, continuou com ardor:

— Há em mim um misto de civilizado e de selvagem, reconheço-o. Prefiro a companhia dos animais à dos homens. Até adoro o capim; o seu cheiro entranha-se na minha alma e aspiro-o com as narinas bem abertas.

— Estou convencida, Antonico, de que a vida da cidade não lhe conviria...

— Não a tolero, como não suporto essas festas sociais,

recepções e bailes resplandecentes de luzes e de decotes. Só me agradam o lustre admirável dos astros e os ombros nus das ninfas protetoras do meu milharal. E afirmo-lhe, Iaiá, nós é que verdadeiramente sabemos gozar a vida, sempre em contato com a natureza, investigando-lhe os mistérios e observando-lhe as transformações! A ideia da morte mesmo não nos aterra! Parece-me que só morreremos para descansar um pouco... e quando quisermos. Quem no Rio conhece quando se podam as árvores, se plantam legumes e se colhem sementes para novas plantações? Ninguém. De resto, nas grandes capitais, nada se sabe ao certo. Quando nos queremos informar se a lua está em crescente, recorremos à folhinha, quando chove ou faz sol, procedemos da mesma maneira. Não há tempo para o êxtase perante uma noite de luar! Apenas se diz a um amigo que passa de corrida “A noite está bonita, hein?”. E alcança-se o bonde depressa, para não perder o espetáculo. A gente, na roça, sai para a estrada, e embebe a vista no firmamento que nos inunda com a sua luz maravilhosa. Olha-se para as mãos, para o rosto, para o cabelo, para os montes, para as casas... tudo é branco, até a nossa alma!

Uma voz alegre chamou-os da rua das hortênsias. Era Stella, que regressava do passeio com a sobrinha.

— O que a trouxe tão risonha? – perguntaram eles.

Sem lhes responder, a moça exclamou mesmo de longe:

— Aposto, Iaiá, que você não é capaz de adivinhar quem encontrei há pouco!

— Não...

— Uma verdadeira surpresa, aquele seu vizinho do tempo de mamãe: Nhonhô Rezende!

Nair empalideceu e o coração começou a bater-lhe agitamente.

— Nhonhô Rezende? mas como veio ele aqui parar?

— É naturalíssimo... e nós?

— Ah! mas nós! Como se reconheceram no fim de tantos anos, Stella? Você era tão criança!

— Vou contar já – declarou esta. — Eu ia pela várzea com Nenê, quando notei a pequena distância um grupinho parado. Passando rente, examinei as pessoas. Eram uma moça muito *chic*, que dava as mãos a duas crianças mais altas do que Nenê, um homem de barba loira à Nazareno, e um rapaz muito bem-vestido que tirava fotografias da serra com um pequeno Kodak. Ao avistar-me, a moça dirigiu-se a mim, e perguntou-se eu poderia informá-la onde morava D. Nair de Tanger. “Nair de Tanger?”, exclamei. “É minha irmã!” “Oh!”, bradou ela. “Você é a Stella?”, e começou a elogiar-me, o que me atrapalhou muito. Disse-me então quem era, apresentou-se o marido e o irmão; em suma, conversamos um bom pedaço. Foi muito agradável!

Stella falava tão depressa e com tanta volubilidade que não dava tempo a ser interrompida, mas a irmã sentia-se irritada, pois o que de fato não passava de uma interessante coincidência assumia, ao seu juízo severo, proporções gravíssimas.

— Ainda não terminei! – disse Stella abanando-se com o chapelão de palha. — Uff! que calor! Clotilde encheu-me de perguntas a respeito de você e de Dinorah, mostrou-se ansiosa para tornar a abraçá-las, e acabou anunciando que vêm cá logo à noite! Que bom!

— Que maçada! digo eu – respondeu Nair com as faces contraídas.

— Maçada? pois eu estou pulando de alegria. Precisamos manter relações elegantes porque as daqui, francamente, são intoleráveis.

— Prefiro-as às civilizadas. Com as primitivas é que me tenho dado muito bem.

— Mas em que podem as outras atrapalhar você, Iaiá?

— Nas menores coisas: sou retraída, gosto do meu cantinho, e só a ideia de viver na expectativa de visitas me contraria de modo horrível.

Stella declarou-se contentíssima; achara Clotilde muito gentil, os moços muito amáveis, e os seus olhos se alargavam com intenso contentamento. Antonico, que até aí escutara em silêncio, pediu explicações sobre essa família desconhecida.

A mulher tomou logo a palavra, e num segundo descreveu aquela amizade de vizinhos, interrompida por morte da mãe.

— Não vejo inconveniente algum em reatarem relações – disse ele com naturalidade.

Uma contração de aborrecimento se desenhou nos lábios dela, que teve ímpetos de confessar ao marido, mesmo de frente da irmã, todo o seu idílio com Nhonhô.

Seria correto e decente admiti-lo em sua casa, provocar talvez uma forte simpatia entre ele e Stella, depois de tudo que com ela sucedera? Ora lhe parecia necessário abrir-se em confidências, ora se achava pueril em recordar uma passagem tão insignificante e que não deixara o menor vestígio.

Preferiu calar-se, a fim de não perturbar a sua tranquilidade, mas resolveu recebê-los com a mais cerimoniosa polidez, para afastar sobretudo Clotilde da sua intimidade.

Era ela que mais temia, com o som falso dos seus beijos, as suas palavras que dissimulavam pensamentos perversos! Tornava-se pois indispensável patentear-lhe uma grande frieza, e estava decidida a fazê-lo.

— Você recorda-se, Iaiá – perguntou abruptamente Stella –, de uma caixa de doces que eles trouxeram num dia de seus anos, e que eu roubei da sua gaveta um por um? Eu era levada nesse tempo!

— Nunca fui amante de doces; de frutas, sim – respondeu ela embaraçada.

— E dois – secundou Antonico.

A tarde escurecera de súbito, deixando aquele mormaço abafadiço que tanto predispõe ao sono e ao repouso. Nuvens túmidas de água arrastavam-se a custo, como exaustas de caminhar, e ao longe, com ruídos surdos, ribombava o estampido seco da trovoada. Stella, observando que o gado se aproximava de casa, disse à irmã:

— Como os animais pressentem a chuva e vêm chegando! Afinal de contas a vida na roça não deixa de ter os seus encantos!

— Mas com relações... – retificou a outra, sublinhando a frase com um sorriso forçado. — Sim... decerto...

— Agora vou entrar! Vamos, Nenê?

Stella pediu-lhe para se demorar mais.

— Não posso; tenho o que fazer. Vamos, filhinha? – e, depois de verificar que o temporal não tardaria a desabar, aconselhou a irmã a retirar-se também.

— Daqui a pouco – respondeu a moça sem se mover, conservando a cabeça encostada ao tronco do cambucazeiro.

Ficou assim alguns momentos abstrata, esquecida, como perdida num sonho místico que imaterializava a sua maravilhosa formosura morena, iluminada pelos imensos olhos, cintilantes, transparentes, inundados de ternura, e poisados vagamente na abóbada celeste.

Depois suspirou e, erguendo-se devagar, arrancou-se da sua obstinada meditação. À varanda da copinha assomou uma crioula velha que gritou alto para fazer-se ouvir:

— Nhá Stella, Iaiá mandou chamar a senhora para jantar.

— Dize-lhe que vou já – respondeu ela acelerando o passo pela alameda fora.

Como apesar da chuva fazia um calor excessivo, Nair foi jantar mesmo de roupão.

— Você não se enfeita para receber as visitas? – perguntou-lhe o marido sorrindo daquele desleixo.

Ela respondeu muito séria, fitando as fivelas dos sapatos brancos.

— Depois do jantar, agora sinto uma preguiça! Muito me contrariam as tais visitas! Estou ansiosa para que chegue a hora de partirem!

Antonico respondeu em tom conciliador:

— Não vejo motivos para tão grande aborrecimento, minha filha!

— Receio que não nos larguem mais a porta, e eu que adoro o meu sossego!

A chuva continuava a cair sonoramente nas lajes da calçada, embaixo. A dona da casa, admirada com a prolongada ausência da irmã, perguntou por ela à copeira, uma pardinha de rosto ladino e engraçado.

— Está-se vestindo, D. Iaiá.

— Cáspite! – interveio Antonico malicioso. — Ela de fato quer fazer sensação!

— Parece!

— Mas com você sucede o oposto! – acrescentou, envolvendo-a num olhar de suave censura. — Faz mal, Iaiá, eu no seu caso apareceria bem *chic*, para não dar ideia de roceira ou de esquisitona. É preciso impressionar favoravelmente a sua amiga, depois de tão longa separação.

Nair explicou, levemente corada, que jamais considerara Clotilde sua amiga, tendo existido apenas entre ambas uma grande familiaridade devido à sua mútua paixão pela música. E baixou os olhos, receosa de eles a desmentirem. Veio a sopa, que estava suculenta, com cenouras e nabos cortados em pequenas rodela. Os dois tomaram-na em silêncio, enquanto Adelina esperava entre os umbrais da porta.

Logo que descansou a colher, o marido perguntou com certa curiosidade:

— Então a pequena está radiante com o encontro desta tarde? Oxalá daí lhe advenha resultado proveitoso.

Nair respondeu sem dissimular a contrariedade:

— Stella é excessiva em tudo! Sempre o foi, aliás... É mal de nascença.

O marido sorriu:

— Na sua idade são naturais esses entusiasmos, que só brotam aos 18 e 20 anos. Mais tarde, costumam a pegar; são como fogo em lenha verde.

Mas Iaiá aborrecia as exaltações que se ateavam e extinguíam com a mesma apaixonada celeridade.

Adelina, que retirava os pratos, veio colocar entre eles a galinha guisada com palmitos.

Antonico tornou a insistir:

— Embora você se constranja, Iaiá, acho conveniente mostrar amabilidade, por hoje ao menos, a essa família – e esboçando um gesto resignado: — São os tais deveres da sociedade! É necessário fingir eternamente.

— Com pessoas que se não incomodam em nos desagradar? É boa!

Adelina perguntou, chegando-se a Nair:

— Não será melhor chamar Nhá Stella outra vez?

— Não, não, ela não pode tardar. Vá buscar a salada e o assado.

Antonico ia formular outra pergunta, mas Stella entrou vestida de azul-claro, com um fio de pérolas no pescoço ebúrneo e descoberto, e duas rosas vermelhas a perfumarem-lhe a cintura flexível.

— Que luxo! – exclamaram ambos remirando-a demoradamente entre expressões elogiosas, polvilhadas de malícia.

— Admirem! Admirem a elegância! – volveu ela risonha, levantando os braços com donaire, revirando-se toda.

— Sim senhora; já compreendo que você está decidida a enlaçar o indefeso rapaz, tal qual a aranha à atordoada mosca – disse o cunhado piscando o olho brejeiro para a mulher.

A moça sentou-se rindo enquanto a copeira se açodava em servi-la.

— Nhá Stella quer que mande aquecer o jantar? assim frio está sem graça...

— Não é preciso; já é tarde, e se me demoro *eles* podem chegar por aí de repente...

— Descanse – atalhou Nair num tom que forcejou de tornar indiferente –, não vêm esta noite. Digira em paz...

— Oh! se vêm! Pão, Adelina, e vinho, avie-se.

— Abençoado encontro este! nunca vi você tão animada! – repetiu Antonico no mesmo tom de gracejo. — Valeu a pena a saída depois do almoço...

— Tolice! Estou apenas radiante com a deliciosa noite que vamos passar.

A irmã emendou com brandura:

— Que você vai passar.

Stella encolheu os ombros numa cômica resignação. Antonico bebeu o vinho e, depois de anunciar que o tempo estiara, enfiou os tamancos por cima das botinas amarelas e foi para a chácara.

Stella clamou com alegria:

— A noite vai melhorar? oh, felicidade! oh, delícia! É sempre assim! Depois da tempestade a bonança!... – e, toda saltitante, foi atirar um piparote no pescoço da irmã, que se recostara na cadeira de balanço, ao lado do aparador. — Você não se decide a preparar-se? Compenetre-se desta verdade, Iaiá; Clotilde é muito elegante.

— Não duvido...

— E *chic*!

— Sim...

Stella começou a passarinhar de um lado para o outro. Estava toda no ar, e os seus lábios frementes não paravam um só instante de sorrir.

Na estrada tranquila, onde alguns derradeiros pingos de água caíam muito espaçados, desfazendo-se na terra encharcada,

apenas quebrava a suave monotonia o concerto dos sapos escondidos nas pequenas poças, e, de momento a momento, os passos secos dos cargueiros que regressavam de Guararema sacudindo os jacás vazios. Depois de o último assobio dos tropeiros vibrar nos ares, estridente e enérgico, ouviu-se somente com regularidade de pêndula o tique-tique da cadeira de balanço onde Nair permanecia silenciosa. Stella tornou a espreitar o céu, deu duas voltas distraídas e saiu cantando:

— Mostraram-me um dia! Na roça a dançar! – e a sua voz gorjeou fresca e afinadíssima pelos corredores fora.

— Viu passarinho verde! – murmurou a outra, pensativa.

Aos fundos, na copa e na casinha, os criados discutiam alto, e o ruído das vozes misturava-se ao da loiça e da água que caía nas largas bacias de ágata. Um passo discreto parou atrás de Nair.

— Iaiá?

— Ah, é você, Mariana?

— Sim senhora, Nenê está dormindo desde que veio da chácara. Ainda não tomou nada... Iaiá quer que a acorde, ou a deixe sossegadinha?

— É preferível deixá-la. Escute, Mariana.

A crioula adiantou alguns passos e postou-se-lhe na frente, esperando a continuação da frase encetada. Era uma mulher de 60 anos, baixa, gorda, de olhos empapuçados e carnes bafosas, com poucas rugas a atravessá-las.

Depois de um momento de silêncio, Nair recomendou-lhe que tirasse do armário o seu vestido de sarja azul-ferrete. E continuou a balançar-se com a vista pregada no teto. Mariana ainda a fitou com ar interrogativo, mas, vendo-a calada,

afastou-se, retorcendo nas grossas mãos o avental de algodão cru. Ao passar pela cozinha, gritou para dentro, com o seu modo áspero a que todos já estavam habituados:

— Xentes, pouco barulho, Iaiá está na sala de jantar!

Boa velha! – pensou Nair, enternecida com a dedicação daquela mulher que nunca a abandonara e que por ela derramaria, se necessário fosse, todo o seu sangue até a última gota. A sua imaginação foi-se povoando das variadas e imprevistas recordações do passado, dentre as quais o vulto da crioula surgia sempre para servi-la ou para consolá-la. Como um pano de teatro que lentamente se erguesse, divisou algumas cenas singelas da sua primeira mocidade e da sua meninice, bafejadas pela doce e incomparável presença materna. Viu-se pequenina, dormitando no leito macio, coberto por vaporosas cortinas de filó branco, e Mariana, à sua beira, a acalentá-la, com paciência amorosa, até o sono vir cerrar-lhe as descuidadas pálpebras infantis. Outras vezes, quando passeava às tardes nos jardins públicos para respirar o ar puro que a sua estreita moradia lhe recusava, era ainda ela que colhia flores para agradar-lhe, arranjava ramos desajeitados e, ameigando a voz que sentia rude e pouco acessível ao sentimentalismo, expunha a maneira de tratar das plantações e cuidar carinhosamente das aves. Quantos ninhos de colibris lhe trouxera com ovos pequeninos que luziam como pérolas imensas! E, sabendo-a curiosa, vinha elucidá-la sobre as cautelosas atenções que deveria ter com eles, prometendo-lhe arranjar mais, tão depressa os lobrigasse nas folhagens das árvores.

As suas mãos grosseiras faziam-se mais leves e macias, quando tocavam o seu corpo esbelto, por sabê-la delicada e